

## *ANTÓNIO MANUEL PATRÍCIO COMPRIDO*

Um testemunho breve de uma passagem pelo RPI do Laboratório de Física e Engenharia Nucleares

Quando, em 1970, fui convidado pelo Professor José Joaquim Delgado Domingos para integrar, ainda como estudante finalista do curso de Engenharia Mecânica do IST, o Grupo de Transferência de Calor do Serviço de Reactores Nucleares de Investigação, estava longe de imaginar a importância que essa experiência iria ter na minha vida pessoal e profissional.

Foi com um sentimento misto de orgulho e preocupação que aceitei aquele desafio. Orgulho porque sabia que iria fazer parte de uma organização de elevado nível científico, de apreensão porque sabia que o Grupo onde me ia integrar era, de algum modo, periférico relativamente aos objectivos fundamentais da instituição.

Mantive-me ao serviço directo do LFEN até 1975, tendo a minha actividade incidido especialmente nas áreas de mecânica de fluidos e transferência de calor. Esta actividade serviu de suporte aos estudos realizados para um eventual aumento de potência do RPI. O sistema de arrefecimento foi cuidadosamente estudado e o seu comportamento extrapolado com base num programa de simulação desenvolvido pelo Grupo. Podia, assim, avaliar-se a resposta do sistema de arrefecimento a aumentos de potência em várias condições atmosféricas. Uns anos mais tarde, já num regime de assessoria, estive directamente envolvido com um colega, José Mota, na análise do projecto e instalação do novo sistema de arrefecimento do reactor e da substituição do sistema de revestimento das paredes da piscina. Lembro com saudade o trabalho realizado sob orientação do Eng. João Menezes, que sempre tratou o nosso pequeno Grupo "periférico" como um "ninho" de especialistas cuja competência era importante para um completo conhecimento dos vários sistemas do Reactor, para além da mais "apelativa" área nuclear.

Um dos aspectos mais importantes que decorreu da minha passagem pelo LFEN residiu na possibilidade de conviver com um significativo e diversificado grupo de pessoas cuja formação e personalidade ajudaram, de alguma maneira, a moldar o modo como tenho encarado a minha actividade profissional: com rigor científico, com paixão pelo trabalho e na procura de ir sempre mais além. Sem ser um especialista na área, tenho que reconhecer que esse potencial humano nunca terá sido completamente rentabilizado e potenciado por falta de um projecto científico claro e aglutinador das várias componentes. Não deixou, contudo, de ser uma excelente escola para muitos dos que, mais tarde, enveredámos por carreiras diversas.

Até hoje consegui manter contacto com muitos dos que continuaram ligados às várias instituições que foram herdando o património científico e as actividades do LFEN. Tenho muitos como bons amigos que, para não correr o risco de omissões injustas, não irei aqui nomear.

Passados todos estes anos devo reafirmar que é com enorme prazer que participo nesta iniciativa. Tratou-se de um período crucial da minha vida profissional, os primeiros anos depois da licenciatura, que me ajudaram a criar muitos dos hábitos por que, ainda hoje, pauto a minha actividade. Não afirmo isto por simpatia, mas por convicção. Se, porventura, tivesse enveredado imediatamente pelo mundo empresarial, estou convicto que teria perdido uma experiência ímpar.

E como comecei por referir a importância que a minha passagem pelo RPI teve em termos pessoais e profissionais, falta ainda referir aqueles. É que foi no LFEN que conheci a Maria José que é, há mais de 25 anos, a minha mulher e mãe dos meus filhos. Acasos da vida, mas acasos muito marcantes!

### **Nota biográfica**

Licenciado em Engenharia Mecânica pelo Instituto Superior Técnico, em 1970. Logo após a conclusão do curso foi convidado para Assistente de Investigação do Laboratório de Física e Engenharia Nucleares, onde integrou o Grupo de Transferência de Calor. Aí desenvolveu vários trabalhos nas áreas da Mecânica de Fluidos e Transferência de Calor, nomeadamente estudos relativos ao Sistema de Arrefecimento do Reactor Português de Investigação. Em 1972 foi convidado para a regência da Cadeira de Permutadores de Calor, do

Curso de Engenharia Mecânica do Instituto Superior Técnico, que manteve até 1979.

Em 1975 abandonou a carreira de investigação e ingressou no maior Estaleiro Naval de Construção e Reparação Naval, a Setenave, Estaleiros Navais de Setúbal, E.P.. Permaneceu até 1987 nesta Companhia, onde percorreu todos os escalões hierárquicos até ao nível da Direcção. Iniciou-se na área de Construção Naval, como Chefe de uma Secção de Produção, participando na construção de vários VLCC. Seguiu-se a área técnica, como Chefe de Serviço de Preparação de Trabalho e, em 1988, passou a exercer funções mais abrangentes, como Chefe do Departamento de Organização na dependência directa da Administração. Em 1981 foi promovido a um lugar de Direcção, com a responsabilidade adicional dos Serviços de Informática. Finalmente, em 1986 foi nomeado Director de Reparação Naval, com a responsabilidade de gestão de uma importante actividade industrial do Estaleiro. Ao longo da sua permanência na Setenave, esteve envolvido ou coordenou vários projectos nas áreas da organização industrial e administrativa, desenvolvimento organizacional, gestão de recursos humanos e planeamento integrado. Para além da experiência prática adquirida, frequentou vários cursos profissionais de aperfeiçoamento nas diversas áreas de gestão.

Em 1987 foi convidado para Director de Organização e Informática da Siderurgia Nacional, E.P., onde se manteve cerca de um ano.

Em 1988 foi convidado pela British Petroleum, para um cargo equivalente na BP Portuguesa, S.A.. Mais tarde, em 1992, viu as suas responsabilidades alargadas, passando a acumular com a Direcção de Finanças e Controlo, tendo chegado à Administração, em 1994. Ao longo destes anos participou em vários projectos relevantes da vida da BP nas áreas dos Recursos Humanos, Projecto da Mudança Cultural, dos Sistemas, Implementação do IS, e dos Serviços Financeiros. Todos estes projectos, pelos quais assumiu a coordenação em Portugal, permitiram-lhe um envolvimento a nível internacional. A estas experiências práticas foram associadas múltiplas acções de formação, locais e internacionais, visando o aperfeiçoamento na área da gestão.

Em 1996 participou activamente nas negociações para a implementação da JV entre a BP e a Mobil em Portugal, tendo mantido as responsabilidades a nível de Direcção e Administração.

Em 1997 foi transferido para a BP Oil UK, a maior Associada Europeia da BP, onde exerceu funções semelhantes às que tinha em Portugal. Para além disso, como membro do Conselho de Administração, teve assento em mais de uma dezena de lugares de Administração em empresas subsidiárias ou participadas, permitindo um alargamento significativo em termos de áreas de actividade.

Finalmente em 1999 regressa a Portugal como Presidente do Conselho de Administração da BP Portuguesa.

*Outubro de 1999*